

Luís Saia

Difícil situar a posição de Mies van der Rohe no quadro da arquitetura contemporânea, pois a irrecusável excelência técnica da sua obra e a importância da pesquisa estética representada pelos seus trabalhos sugerem que se faça tabula rasa de considerações que importem em restrições ao arquiteto. Além disso, ao par das qualidades intrínsecas dos projetos que desde muito o elevaram à categoria de líder, de chefe de escola, Mies tem mantido uma inatacável linha profissional e ética, fruto visível de uma inflexível orientação, que apura a qualidade dos seus trabalhos com evidente prejuízo da quantidade. Essa solidez de formação profissional, lhe conferem uma invulnerabilidade crítica difícil de ser rompida. Há, no momento, qualquer coisa de errado na obra e na vida deste grande arquiteto. Esse senão, esse mal estar, é que precisa ser esclarecido, não apenas para consolidar a importância da sua contribuição à arquitetura contemporânea, mas principalmente para desentranhar do caso Mies o conceito crítico que parece capaz de definir o que há de fundamental e específico no fenômeno profissional contemporâneo: a posição do arquiteto ante os problemas sociais em desenvolvimento para cuja solução a contribuição do arquiteto é, cada vez mais fundamental.

De fato, não cabem a Mies acusações de “formalista” e “frio”. Formalista Mies não é, de jeito nenhum. Pesquisador sim, e da mais legítima integridade. Uma sumária análise de seus projetos e da sua formação profissional, bastaria para esclarecer isto. Não se pode, por exemplo, acusar de formalista, quem passou do neoclassicismo de Krölller’s Haus para as pesquisas de valorização da técnica regional do tijolo do admirável monumento a Karl Liebknecht e Rosa Luxemburg (1926) e em Hermann Lange’s Haus (1928), se aplicando depois

no perfeito pavilhão da Exposição de Barcelona de onde parte para os projetos de Chicago, nos quais o apuro da forma é absolutamente disciplinado pela adequação irrepreensível do material. De permeio às obras citadas se encontram nos projetos de diferentes épocas as qualidades e as soluções que, desenvolvidas posteriormente e sempre atualizadas, atingiram o grau de pureza técnica e estética que, se desmentem a injusta acusação de formalismo também se desvinculam de tal modo da realidade presente, que dão a impressão de serem concebidos para homens que ainda não existem. Considere-se, no sentido de filiação como no projeto da casa de tijolo 1923, como já comparecerem as soluções, especialmente as de planta e de conceituação de espaço, que vão constituir a base dos projetos de Hubber’s House (1935), do admirável projeto de grupo de casas com pátios (1938) e finalmente, em Farnsworth House, onde atingiu o máximo de exagero purista, posto que lembre uma linha de legítima pesquisa plástica marcada por severa disciplina de obediência e respeito ao material (Banco de Stuttgart, Pavilhão de Barcelona, projetos de Chicago), parece um verdadeiro tricô arquitetônico. De maneira nenhuma, entretanto, cabe pensar esta evolução na base do formalismo; tanto mas que será realmente estranhável que um sujeito da inteligência de Mies se permitisse a leviandade de proclamar-se contra o formalismo (*My attack is not against form, but against form as an end in itself*) para, em seguida, praticá-lo. A acusação de “frio”, sobre ser inócua e incongruente, não é especificamente feita à obra de Mies, mas se estende à toda a arquitetura contemporânea, exceção feita à algumas obras mais românticas de Frank Lloyd Wright. Não é este, pois, o caminho capaz de fornecer uma explicação para o mal estar causado pela obra de Mies. Deve haver outra razão. E esta me parece residir no exagero

* *Revista Habitat*, n. 22, 1955. Revista de cultura contemporânea dedicada à arquitetura, pintura, escultura, desenho industrial e artes visuais.

purista que atingiu. Tais fatos permitiu-lhes alijassem por completo dos problemas do país e se pusessem exclusivamente a serviço dos desejos e pretensões de uma classe dirigente, endinheirada ao extremo, ensimesmada e decadente. Numa época em que os problemas, sociais e técnicos ao mesmo tempo, procuram soluções para as quais o arquiteto é chamado a compartilhar numa linha de vanguarda, o exclusivismo da atenção de Mies para os velhos problemas da arte de projetar edifícios, sonegam a sua inteligência e sua grande capacidade técnica de outras questões profissionais de um âmbito de trabalho de maior significação.

Ele e seus parceiros acima citados, se transformaram, assim em arquitetos de príncipes, caprichosas vedetes, de ricos e ociosos. Frank Lloyd Wright e Le Corbusier, embora se possa não concordar com sua filosofia, saudosista num, pretensamente racionalista noutra, e em ambas reacionária, não se pode negar que mantêm os pés no mundo, participando intensamente da vida contemporânea. Talvez por isso a obra deles é mais simpática, embora não se apresente com o mesmo esmero técnico e a mesma pureza. Se são errados, são errados atuais. Descubram os problemas para os quais propõem soluções; desta maneira podem criar o próprio

campo de trabalho e estender a sua atividade aos limites suscitados pelos problemas consentâneos. Não esperam a encomenda do príncipe, embora cortejem-no e nisso se degradem; sabem que este príncipe caminha melancolicamente para as vitrinas do museu. Estão, como está Mies, Gropius, Neutra, etc. irremediavelmente umbilicados à atual classe dominante e sem a menor perspectiva do futuro.

Nos Estados Unidos, este desparamento arquitetônico encontra acolhida e não parece fenômeno recente. No tempo da República, Jefferson já se preocupava em importar uma linguagem que servisse ao novo imperialismo nascente, indo encontrar em Roma e na Grécia as expressões plásticas que respondiam às ideias de grandeza e grandiloquência puritana então escolhidas. Na época moderna, esse fenômeno que foi tão bem estudado por James Marston Fitch em "American Building", se repete. Apenas os arquitetos europeus chamados agora a servir não se limitam a vender os projetos ao gosto do príncipe: vendem-se a si mesmos. E dão, com isso, um exemplo de degradação profissional, tão mais lamentável quanto a medida do próprio valor lhes proporcionaria uma positiva possibilidade de contribuir para a formação de equipes de arquitetos capazes de influir na solução dos problemas da sociedade.